

Capital social na agricultura familiar: análise das relações entre os produtores rurais

Social capital in family agriculture: analysis of relationships among farmers

Adriana Soares Breda¹, Lechan Colares-Santos², Jaiane Aparecida Pereira³

RESUMO: Objetiva-se com a presente pesquisa compreender a influência do capital social nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas em Indiana (SP). Para o alcance de tal objetivo, o referencial teórico discutiu sobre capital social. Foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva por meio de entrevista semiestruturada com dez produtores enquadrados na agricultura familiar, que residem no bairro rural Sete Copas. Como resultados, identificou-se que o capital social permeia as relações econômicas e sociais dos produtores entrevistados. Neste contexto, há percepção de confiança e de reciprocidade que facilitam os relacionamentos e as transações entre eles. Observou-se também que o fato de compartilhar equipamentos e força de trabalho faz com que os produtores reduzam seus custos e maximizem seus resultados, já que seria necessário um alto investimento na compra de todos os equipamentos individualmente. Dessa forma, conclui-se que o capital social desempenha um papel de multiplicador de recursos que colabora para o desenvolvimento local, reduzindo custos, maximizando o tempo e fomentando a troca de conhecimentos e informações.

Palavras-chave: Compartilhamento de recursos. Desenvolvimento econômico. Redução de custos. Relações humanas. Relações sociais.

ABSTRACT: The influence of social capital in relationships among producers at the rural district Sete Copas in Indiana SP Brazil, is investigated. Theory on social capital was investigated and a descriptive and qualitative research was undertaken through a semi-structured interview with ten producers of the locality, within the context of family agriculture. Results showed that social capital permeates the interviewed farmers' economic and social relationships. Trust and reciprocity which facilitate relationships and transactions between them are perceived. It has also been observed that sharing of tools and work force causes a decrease in costs and improvement of results. This is due to the high investments which otherwise each would have to make individually. Social capital multiplies resources and leads towards local development, costs reduction, maximization of time and incentive for sharing of knowledge and data.

Keywords: Sharing of resources. Economic development. Costs reduction. Human relationships. Social relationships.

Autor correspondente:

Lechan Colares-Santos: lechancolares@hotmail.com

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 08/02/2021

INTRODUÇÃO

No decorrer dos últimos 40 anos, o Brasil passou da condição de importador de alimentos para a de grande provedor mundial (EMBRAPA, 2018). Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), tecnologias⁴ dispostas para o setor impulsionaram aumentos na produtividade agrícola e agropecuária, o que transformou o Brasil em um dos principais *players* do agronegócio no mundo (EMBRAPA, 2018).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá (PR), Brasil.

² Professor Doutor, da Business School Unoeste (BSU), Presidente Prudente (SP), Brasil.

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí (CPNV), Naviraí (MS), Brasil.

⁴ A tecnologia é o fator central na modernização da agricultura brasileira, diante disso, segundo o IBGE (2006), existem indicadores de como ocorre o seu uso, desde a mecanização e práticas agrícolas (manejo produtivo), acesso a assistência técnica, e o uso de insumos (agroquímicos, sementes melhoradas), além disso, há o crescente uso de tecnologias convergentes, sendo elas: biotecnologia, nanotecnologia, tecnologia da informação, ciência cognitiva, geotecnologia, agricultura de precisão e Internet das coisas (EMBRAPA, 2018).

O agronegócio vem exercendo um papel de significativa importância para o crescimento da economia brasileira, com avanços na participação do Produto Interno Bruto (PIB). Em 2018, ainda no primeiro semestre do ano, o agronegócio gerou cerca de 1.380 bilhões, além disso, a agricultura desempenhou papel positivo com alta de 4,6% no PIB, segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) (CNA; CEPEA, 2019) e, no ano de 2017, o agronegócio foi responsável por 21,6% do (PIB) (MAPA, 2019).

Dentro da amplitude do agronegócio, destaca-se o papel da agricultura familiar, que é um segmento relevante para o desenvolvimento do país, pois produz mais de 50% dos alimentos da cesta básica brasileira (MAPA, 2017). Na agricultura familiar as atividades da propriedade são comandadas pela própria família e a principal fonte de geração de renda é a atividade de produção agrícola (MAPA, 2016). Atualmente, 4,4 milhões de famílias agricultoras representam 84% dos estabelecimentos rurais brasileiros (MAPA, 2017). Ademais, a agricultura familiar brasileira é considerada a oitava maior produtora de alimentos do mundo (MAPA, 2018).

Para além dos resultados econômicos, a agricultura familiar contribui para a melhoria de outros aspectos na sociedade, como na extinção da fome e redução da pobreza, na preservação do meio ambiente e no desenvolvimento sustentável (MAPA, 2018). Apesar dos resultados positivos, há várias dificuldades e desafios para a agricultura familiar diante da insuficiência de políticas públicas, que incluem problemáticas como: insuficiência de capital e dificuldades de financiamentos, baixa incorporação de soluções tecnológicas, dificuldade de acesso a mercados, fragilidade da assistência técnica e extensão rural, obstáculos e complexidade para a organização social e cooperativismo, entre outros (HEBERLÊ *et al.*, 2017).

Como forma de mitigar os problemas, tem obtido destaque a formação de ações de cooperação entre os agentes, formais e informais (SABOURIN, 2000; PEREIRA *et al.*, 2016; TIERLING; SHMIDT, 2016). Neste contexto, acredita-se que as ações de cooperação dependem do capital social existente entre os agentes. O capital social engloba características de organizações sociais, como redes, normas e confiança que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício de ambas as partes (PUTNAM, 1997; WOOLCOCK, 1998).

No caso da agricultura familiar, a partir da existência de capital social, os pequenos produtores podem compartilhar recursos e atingir objetivos comuns, reduzindo custos e, conseqüentemente, contribuindo com o desenvolvimento local, tanto na perspectiva econômica, quanto na social. Para tentar evidenciar essas questões, optou-se por estudar as relações existentes entre produtores localizados no bairro rural Sete Copas, localizado entre os municípios de Presidente Prudente e Indiana, ambos no Estado de São Paulo.

O bairro Sete Copas foi fundado em 1948 pelo Sr. Guilherme Kuhn Junior, que realocou sua família para terras acima do extinto bairro Aviação, proporcionando melhores condições de moradia (SILVEIRA *et al.*, 2017; SETE COPAS..., 2018). O nome Sete Copas surgiu a partir da paixão dos moradores por jogos de baralho, uma tradição do local (MINHA CIDADE..., 2016). Atualmente, existem cerca de 70 a 80 moradores no bairro, sendo que a maioria possui propriedades próprias em que são cultivadas diversas culturas, e gado leiteiro. O bairro Sete Copas pertence ao município de Indiana (SP)⁵. A população estimada para 2019 foi de 4.885 habitantes e, no último censo, realizado em 2010, sua densidade demográfica foi de 38,11 hab/km² (IBGE Cidades, 2020).

Considerando o número reduzido de habitantes do bairro Sete Copas e a proximidade geográfica entre os produtores dessa localidade, parte-se da premissa de que existe capital social entre os produtores.

⁵ Cujo nome originou-se devido aos diversos grupos indígenas que habitavam a região.

Diante disso, indaga-se: como o capital social influencia nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas? No intuito de responder a essa indagação, o objetivo da presente pesquisa foi compreender a influência do capital social nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas em Indiana (SP).

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: além desta introdução, o referencial teórico discute sobre o capital social. Depois, são apresentados os procedimentos metodológicos, seguido da descrição e análise dos dados. Por fim, expõem-se as conclusões.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção versa sobre o subsídio de informações que fornece a base teórica a presente pesquisa, assim como é suporte aos resultados e discussões, apresentando a temática do capital social, das relações sociais e do cooperativismo.

2.1 CAPITAL SOCIAL

O conceito de capital social vem sendo cada vez mais utilizado nas análises das ciências sociais. A principal ideia é a de uma sociedade pautada por redes de confiança, normas e sistemas que sejam capazes de produzir instituições duráveis com o intuito de promover o desenvolvimento social (XIMENES, 2008).

Segundo Putnam (1997), não existe uma definição precisa sobre capital social, contudo o autor reitera que ele está relacionado a características de uma organização social, geridas por meio de confiança, regras, e sistemas que colaboram para que a sociedade seja eficiente, facilitando as ações (PUTNAM, 1997). Coleman (1988) define capital social como algo produtivo assim como outros capitais, estando relacionado a termos funcionais e normativos que promovem integração social. Dessa forma, a estrutura social atinge a função de contribuir como recursos, possibilitando que atores individuais alcancem objetivos que possivelmente não seriam alcançados sem auxílio de outros (COLEMAN, 1988).

Higgins (2005) assevera que a construção do conceito de capital social é uma espécie de elipse com dois focos, um político e o outro econômico. Em relação ao político, distinguem-se as diferenças na captação dos recursos advindos das redes de relação social; ao econômico tem-se o pressuposto de que relações com trocas simétricas concedem o uso dos recursos presentes nas estruturas de relação social. Para o autor, as duas perspectivas são divergentes na percepção de que as relações sociais se caracterizam como um patrimônio “não visível”, porém eficaz a disposição dos indivíduos, tanto individuais quanto coletivos. Nesse contexto, “se as relações sociais estão baseadas na reciprocidade e na expectativa de cumprimento mútuo - caso contrário haveria sanção social -, os motores da ação coletiva serão a confiança e a cooperação” (HIGGINS, 2005, p. 29).

Quando se trata do aspecto econômico, Coleman (1988) afirma que, baseando-se em uma teoria racional, na qual os diversos atores mantêm controle sobre recursos e interesses sobre certos recursos e eventos, o capital social pode ser visto como um tipo particular de recurso disponível a uma pessoa (COLEMAN, 1988). Apesar desse enfoque, destaca-se a questão social e sua importância para o tema. Isso porque o capital social não é uma instituição singular e sim um conjunto de pessoas, como em uma sociedade, onde as pessoas se unem e estabelecem fins específicos (COLEMAN, 1988). Essa estrutura social facilita o alcance de objetivos tanto individuais quanto de organizações.

Diante dessa natureza complexa, o capital social, assim como o capital físico e o humano, não é completamente substituível e pode se tornar específico para uma determinada atividade (COLEMAN, 1988). O autor ainda declara que, embora o capital social possa ser muito útil, ele também pode ser prejudicial, pois limita a atuação do indivíduo dentro de determinado grupo.

Para Bourdieu (1980; 1986; 2012), o capital social está diretamente ligado à rede de relações e é considerado um conjunto de recursos existentes ou potenciais que estão inseridos em uma rede sólida de relações. Nesse caso, o capital social não envolve somente os ativos do próprio indivíduo, mas também os ativos de outros indivíduos que estão inseridos nesta rede de relações, constituindo-se como um elemento multiplicador dos recursos (HAUBERER, 2011).

No que tange a aspectos negativos, Putnam (1997) revela que há diversas questões envoltas desta relação entre as pessoas, o que para alguns ocorre de forma natural, para outros há algo além de culturalismo direcionando esta questão. De acordo com Putnam (1997) há duas dinâmicas que descrevem o problema do desempenho institucional diante do capital social, são eles: o círculo vicioso autoritário e o círculo virtuoso democrático.

O círculo vicioso autoritário está relacionado à ordem garantida de maneira coercitiva, por meio do medo e da repressão, deixando de lado qualquer princípio de construção da confiança nas relações mútuas (PUTNAM, 1997). O segundo princípio, círculo virtuoso democrático, é baseado na colaboração mútua de um grupo, no qual existem regras que todos devem seguir, estas impessoais, independente do grau social em que a pessoa está qualificada, ela é sujeita a cumprir (PUTNAM, 1997). Para o autor, o segundo princípio está relacionado à disposição de se firmar compromissos e renunciar a ganhos rápidos e imediatos em favor de receber recompensas futuras, ou seja, os resultados são para o longo prazo.

Dentro dessa concepção, é construída a confiança e a reciprocidade. A confiança é um atributo muito importante e influenciador no capital social (DASGUPTA, 1999). Segundo Morrow, Hansen e Pearson (2004), a confiança está relacionada à percepção de que os outros agirão de acordo com a nossa crença, o que gera uma segurança de comportamento. A reciprocidade, por sua vez, refere-se à ajuda mútua gratuita, propriedade coletiva ou gestão compartilhada de recursos, reduzindo custos de produção ou de transação (SABOURIN, 2014).

Polanyi (2000) parte do princípio de que a economia é formada por diversas formas de produção, inclusive aquelas baseadas na reciprocidade. Nesse contexto, o modelo de produção baseado na reciprocidade surgiu como meios de resistência ao mercado, no qual as ações coletivas conseguem difundir a solidariedade democrática. O motivo econômico é pautado por uma finalidade social que busca construir vínculos sociais e solidários, de modo que a ajuda mútua e a reciprocidade estariam no centro da ação econômica (POLANYI, 2000). Os movimentos que utilizam na economia a solidariedade não são relacionados ao mercado, e, portanto, o objetivo central não é a acumulação de riquezas, mas sim a maximização de lucros para as partes envolvidas (VOSS, 2010).

Ao entender que as relações sociais, a confiança e a reciprocidade são importantes para a formação do capital social e que a proximidade geográfica facilita essa interação, discute-se que as pequenas localidades e que a agricultura familiar favorecem a concepção desses aspectos. Nesse contexto, as relações econômicas e sociais se entrelaçam e são mutuamente influenciadas. Sendo assim, o presente trabalho busca compreender essa dinâmica.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo é de natureza qualitativa do tipo descritiva (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010; GIL, 2012), pois visa compreender a influência do capital social nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas em Indiana (SP). Para tanto, os procedimentos técnicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Para a coleta de dados, a técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada (GIL, 2019). As entrevistas foram realizadas junto aos produtores rurais do bairro rural Sete Copas. O roteiro de entrevista foi dividido em duas partes: a primeira com 9 perguntas buscou investigar o perfil dos entrevistados e suas propriedades; e a segunda, com 6 perguntas, indagou sobre as interações entre os produtores locais.

Foram entrevistados 10 produtores, aqui denominados de A a J. As entrevistas foram realizadas *in loco* no período de março de 2019 a junho de 2019. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para análise de dados. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo (MARCONI; LAKATOS, 2017; SEVERINO, 2016; BARDIN, 2011). As categorias de análise emergiram da literatura, sendo: relações sociais e relações econômicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico apresenta e discute os dados obtidos por meio da pesquisa realizada junto aos produtores rurais que residem no bairro rural Sete Copas. Inicialmente são descritas informações relacionadas às propriedades e as culturas cultivadas pelos produtores e logo após têm-se a comparação entre teoria e prática, denotando o resultado do estudo.

4.1 INTERAÇÕES, RELAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS

A análise apresenta, primeiramente, as características gerais dos produtores entrevistados e suas propriedades, conforme Quadro 1. Depois, discorre-se sobre as interações entre os produtores.

Quadro 1. Características dos produtores e suas propriedades

Produtor	Tempo na atividade (anos)	Familiares que trabalham na propriedade	Funcionários	Tamanho da propriedade*	Culturas
A	50	2	0	6 alqueires	Batata-doce; milho; mandioca; cana
B	6	3	0	90 alqueires	Pecuária
C	50	3	0	72 alqueires	Pecuária
D	45	2	0	12 alqueires	Mandioca; milho; amendoim
E	50	2	0	7 alqueires	Milho; pastagem
F	8	3	1	12 alqueires	Batata-doce
G	40	2	0	40 alqueires	Pastagem para gado de leite
H	50	5	0	60 alqueires	Batata-doce; milho; mandioca; soja
I	34	3	0	117 alqueires	Batata-doce; milho; leite
J	30	2	0	50 alqueires	Batata-doce; soja; milho; leite

Nota: *O alqueire paulista equivale a 2,42 hectares (ha).

Fonte: Autores com base nos dados da pesquisa (2019).

De modo geral, observa-se que os produtores se enquadram na agricultura familiar, pois a mão de obra é predominantemente familiar e a renda das famílias vem majoritariamente da agricultura (MAPA, 2016). Apenas o produtor F possui funcionário fixo.

Considerando as interações entre os produtores, observa-se que todos mantêm relações sociais e econômicas com a comunidade local. Essas relações são reforçadas pela participação em organizações, como a igreja, o time de futebol, o jogo de cartas e a associação de produtores rurais, que tem o intuito de reunir e disponibilizar recursos aos produtores do bairro, cabe citar um trecho da entrevista com o produtor H que constata essa conclusão: “[...] no dia a dia também, em toda a parte de festas, encontros, ou quando reúne para a reunião da associação [...]”.

No caso da igreja, nove dos entrevistados declararam ser católicos e frequentam a mesma igreja pelo menos uma vez no mês. Apenas um dos produtores declarou não possuir religião. Apesar disso, existem festas populares organizadas pela igreja nas quais todos participam. O futebol e o jogo de cartas também são uma tradição entre os moradores (SILVEIRA *et al.*, 2017; SETE COPAS..., 2018). Todos os entrevistados revelaram participar e gostar dessas tradições, práticas que ocorrem nos finais de semana.

Considerando a associação de produtores, seis dos produtores entrevistados participam. Aqueles que não fazem parte, já frequentaram a associação, contudo, deixaram de fazer parte por não trabalhar mais com gado de leite. As reuniões geralmente ocorrem uma vez por mês, e os produtores fazem parte dela visando compartilhar equipamentos, participar de projetos de melhoria e para entrega de leite, visto que há equipamentos necessários para armazenagem do leite até o processo de entrega ao laticínio.

De modo geral, observa-se que a participação nessas organizações e as crenças comuns possibilitam que as normas sejam compartilhadas e aceitas, facilitando a interação e a colaboração entre os produtores, como destaca Sabourin (2014).

Quando se trata das relações sociais, observa-se que o fato da família trabalhar na propriedade fomenta o fortalecimento dos laços fortes, o que gera confiança no trabalho de cada membro. Além disso, a proximidade entre as propriedades também permite que os laços entre os vizinhos sejam fortes, o que impacta nas trocas de experiências e auxílio entre eles.

Todos os produtores nasceram na região do bairro e vieram de famílias de agricultores. Entre eles, há aqueles que possuem grau de parentesco, e outros declararam possuir relação de coleguismo com os demais. Constatou-se que entre eles há trocas de informações, geralmente sobre plantio, mercado, preço de compra de insumos e preço de venda dos produtos. Foi relatado que, quando precisam de informações, buscam primeiramente com os produtores colegas e vizinhos e depois na associação, que funciona como um ambiente de troca de experiências e informações. Além disso, os produtores relataram que sempre buscam ajudar seus vizinhos na produção agrícola, emprestando equipamentos e força de trabalho.

Quando perguntados sobre a obrigação em ajudar, os produtores reiteram que não se sentem obrigados a isso quando solicitados, pois percebem que a relação envolve parceria e companheirismo. Apesar disso, citam que no futuro também serão ajudados, ou seja, inconscientemente essa relação envolve reciprocidade, como discute Polanyi (2000). Cabe citar trechos que evidenciam essa conclusão por meio das entrevistas com o produtor H e respectivamente com o produtor E: “[...] você tem a necessidade que alguém vai te ajudar nessa hora, e você sabe que ele vai precisar também [...]”; “[...] uma hora a gente pega dele, outra

ele pega da gente [...]”. Desse modo, constata-se que a relação de troca ocorre por meio de cooperativismo, ao qual a convivência e as estruturas de relações sociais garantem benefícios futuros.

Sobre o empréstimo de equipamentos, todos os produtores relataram que essa condição é uma prática comum entre eles. Os equipamentos emprestados são implementos agrícolas, como: grades, tombadores, roçadeira, carretas, máquinas de colheita. Observa-se que são equipamentos que exigem alto investimento. Diante desse panorama, pode-se observar que os aspectos sociais estão relacionados aos aspectos econômicos.

Diante dessa condição de parceria, não há a necessidade de que todos os produtores possuam vários tipos de equipamentos, o que promove a redução de investimentos, uma vez que a aquisição de todos os equipamentos exigiria alto investimento. Assim, o compartilhamento de máquinas e equipamentos permite aos produtores investirem em capital de giro (insumos). Nesse caso, pode-se vislumbrar que o capital social é um proliferador de recursos, como constatado por Hauberer (2011).

Sobre o empréstimo da força de trabalho, os produtores revelam que há o hábito de compartilhar mão de obra nos seguintes casos: colheita, produção de silo, manejo, entre outros. O entrevistado H afirma que às vezes deixa de fazer um serviço em sua propriedade que não é considerado urgente, para ajudar os colegas em atividades que demandam a agilização das atividades na propriedade vizinha.

Sobre a questão da confiança, todos os produtores relataram que confiam em seus colegas. Segundo eles, isso ocorre devido à convivência diária e pelo tempo de relacionamento entre eles, ou seja, a noção de que podem contar com o outro quando necessário, o que se aproxima do conceito discutido por Morrow, Hansen e Pearson (2004).

Desse modo, pode-se notar que as relações envolvem aspectos sociais e econômicos que foram construídos ao longo do tempo. Ao considerar as relações econômicas, observa-se que existe a união de forças para a compra de equipamentos, conforme relatado pelo produtor H, segundo ele: “[...] tem um subgrupo dentro da comunidade que entre eles tem mais liberdade, afinidade que eles comprem algum material em conjunto [...]”, sobretudo daqueles que participam da associação. Ademais, os produtores também se reúnem para a compra de insumos, como: adubo, semente e ração, dependendo da necessidade de cada um.

Diante dessas situações, discute-se que há influência do capital social nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas. Por meio do capital social, os produtores contribuem para o desenvolvimento local, compartilhando força de trabalho, máquinas e equipamentos, informações e conhecimentos, o que fortalece a atuação na região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo inicial de compreender a influência do capital social nas relações entre os produtores do bairro rural Sete Copas em Indiana (SP), identificou-se, com base no estudo realizado, que o capital social permeia as relações econômicas e sociais dos produtores entrevistados. Nesse contexto, há percepção de confiança e de reciprocidade que facilitam os relacionamentos e as transações entre eles.

Observou-se também que o fato de compartilhar equipamentos e força de trabalho faz com que os produtores reduzam seus custos e maximizem seus resultados, já que seria necessário um alto investimento na compra de todos os equipamentos individualmente. Dessa forma, conclui-se que o capital social desempenha um papel de multiplicador de recursos que colabora para o desenvolvimento local, reduzindo custos, maximizando o tempo e fomentando a troca de conhecimentos e informações.

Considerando a agricultura familiar, ressalta-se que esse enquadramento não é a única condição para favorecer as relações entre os produtores, pois o capital social engloba outros aspectos como normas de comportamento, redes de relacionamento, confiança e reciprocidade. Apesar disso, acredita-se que o enquadramento favorece a atuação em conjunto devido ao fato de serem pequenos produtores e do trabalho em família nas propriedades, aproximando os indivíduos.

Para além dos resultados positivos identificados, vale ressaltar que o capital social se forma com o tempo e em condições particulares, como no compartilhamento de normas e de características comuns, fato presente no caso estudado. Diante disso, há a impossibilidade de replicação de modelos bem-sucedidos para outras localidades onde não existe capital social. Nesse caso, sugere-se para estudos futuros, que outras localidades sejam estudadas para efeitos de comparação. Logo, este estudo traz contribuições para o meio acadêmico ao demarcar o capital social como meio para maximizar resultados em pequenas comunidades, e por essa razão é importante fortalecê-lo neste campo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 31, p. 2-3, 1980.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Greenwood, New York: [s.n.], 1986. p. 241-258.
- BOURDIEU, P. O capital social: Notas provisórias. *In*: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CNA. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil; CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do Agronegócio termina 2018 estável**. 2019. Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/noticias/pib-do-agronegocio-fica-estavel-em2018>. Acesso em: 31 out. 2019.
- COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, jan. 1988.
- DASGUPTA, P. Overview. *In*: DASGUPTA, P.; SERAGELDIN, I. (ed.). **Social capital: a multifaceted perspective**. Washington, D.C.: The World Bank, 1999.
- EMBRAPA. **Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira**. Brasília: EMBRAPA, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/9543845/Vis%C3%A3o+2030+-+o+futuro+da+agricultura+brasileira/2a9a0f27-0ead-991a-8cbf-af8e89d62829>. Acesso em: 26 maio 2019.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 200p.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HAUBERER, J. **Social capital theory: towards a methodological foundation**. Wiesbaden: Springer, 2011.
- HEBERLÊ, A. L. O.; SICOLI, A. H.; SILVA, J. S.; BORBA, M. F. S.; BALSADI, O. V.; PEREIRA, V. F. Agricultura familiar e pesquisa agropecuária: contribuições para uma agenda de futuro. *In*: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. **Agricultura Familiar Brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília:

MDA, 2017. p. 131-148.

HIGGINS, S. S. **Os Fundamentos Teóricos do Capital Social**. Chapecó: Argos Ed. Universitária, 2005.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. 2006. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

IBGE Cidades. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/indiana/panorama>. Acesso em: 12 fev. 2020.

KAUARK, S.; MANHÃES, C.; MEDEIROS, H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Bahia: Via Litterarum, 2010.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo: **O que é a agricultura familiar**. 2016. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-e-agricultura-familiar>. Acesso em: 19 maio 2019.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo. **Conheça o Plano Safra da Agricultura Familiar 2017/2020**. 2017. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/plano-safra-da-agricultura-familiar-20172020>. Acesso em: 19 maio 2019.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo**. 2018a. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>. Acesso em: 19 maio 2019.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Semana do agricultor: importância da agricultura familiar**. 2018b. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/semana-do-agricultor-importancia-da-agricultura-familiar>. Acesso em: 26 maio 2019.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agropecuária Brasileira em números**. 2019. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politicaagricola/agropecuaria-brasileira-em-numeros>. Acesso em: 31 out. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINHA CIDADE, meu canto visita o bairro rural Sete Copas. SP TV. **Globo.com**. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/sptv-1edicao/videos/t/edicoes/v/minha-cidade-meu-canto-visita-o-bairro-rural-sete-copas/5063512/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MORROW, J. L.; HANSEN, M. H.; PEARSON, A. W. The cognitive and affective antecedents of general trust within cooperative organizations. **Journal of Managerial Issues**, v. XVI, n. 1, 2004.

PEREIRA, M. E. B. G.; LOURENZANI, A. E. B. S.; BANKUTI, S. M. S.; PIGATTO, G. A. S. Coordenação na Agricultura Familiar e o Desenvolvimento Territorial: o caso das indicações geográficas para o café. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 131-178, 2016.

POLANYI, K. A grande Transformação: as origens de nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 337p.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

SABOURIN, E. P. Viabilidade da agricultura familiar nordestina e globalização: mitos e desafios. **Política e Trabalho**, p. 25-39, 2000.

SABOURIN, E. P. Acesso aos mercados para a agricultura familiar: uma leitura pela reciprocidade e a economia solidária. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 45, p. 21-35, 2014.

SETE COPAS Futebol Clube. **História**. Disponível em: <http://setecopasfutebolclube.blogspot.com/p/sobre-nos.html>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, F. F.; REIS, F. H. S.; LANZA, G. R.; SILVA, L. G.; RIBEIRO, P. R.; BACCO, T. S. Videodocumentário e memória: reflexões iniciais sobre a história do Sete Copas Futebol Clube. **Colloquium Socialis**, v. 1, n. 2, 2017.

TIERLING, I. M. B. M.; SCHMIDT, C. M. Dificuldades, falhas e desafios da ação coletiva na agricultura familiar: um estudo na Associação de Produtores de Corumbataí do Sul-PR. *In*: CBEO - CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4. 2016. **Anais [...]** Porto Alegre: 2016.

VOSS, E. **Wegweiser Solidarische Ökonomie**. AG SPAK Bucher: Neu-Ulm, 2010.

WOOLCOCK, M. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and Society**, v. 27, p. 151-208, 1998.

XIMENES, T. Capital social, redes sociais e inovações produtivas. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, n. 2, 2008.